



DR. SIDÔNIO PAIS

Antigo Presidente da Republica, barbaramente
assassinado em 14 de Dezembro de 1918

Braga, 22 de Dezembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 351 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L. da

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correlo tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

A'S MÃES

Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos ?

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FIGUEIREDO, L.da

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C.^A L.^{DA}

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

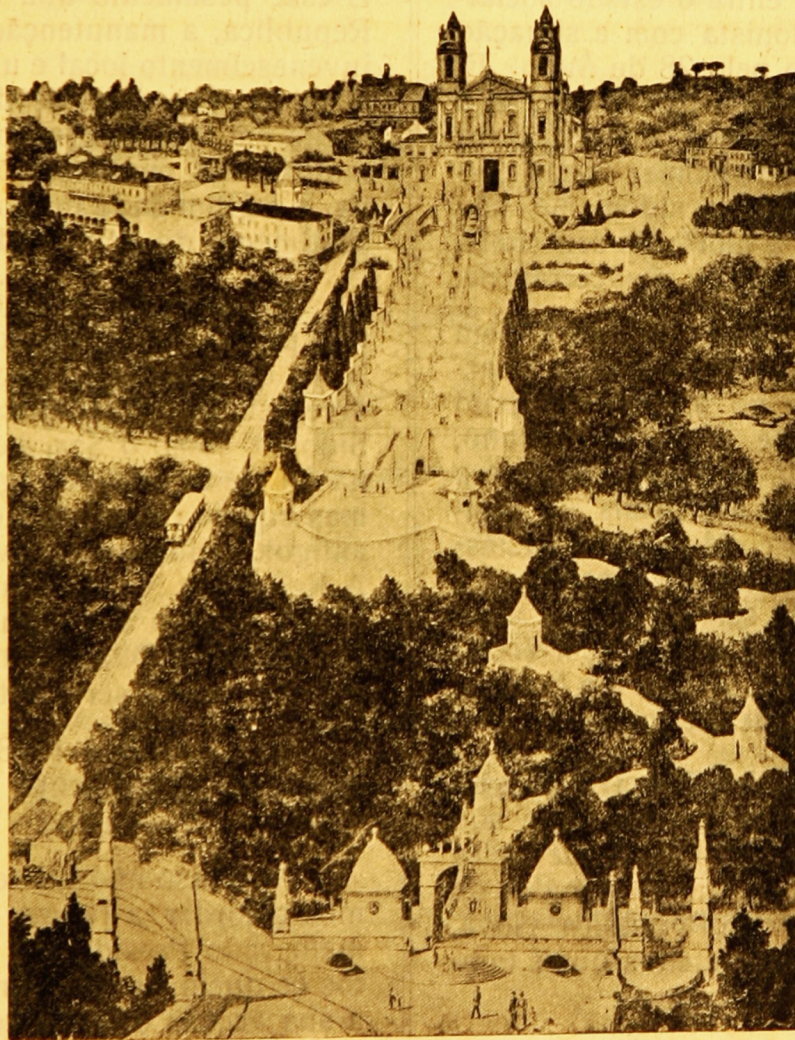
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 22 de Dezembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 351



BRAGA

Panorama do Bom Jesus do Monte

Dez anos depois

SIDONIO Pais foi um precursor das novas orientações políticas da Europa. A uma ordem antiga fez suceder outra ordem, que no seu tempo foi crismada de Republica Nova. Tinha em si uma ideia: a ideia de rígida autocracia, dentro de formulas democraticas. Aquele sintese de S. Tomás de Aquino, mixto monarchico-republicano em que uma aristocracia, legitima e renovavel de virtude e saber dominasse, era o pensamento fundamental dos que seguiram Sidonio Pais e fizeram, com ele a Republica Nova.

Os fascistas em Italia são os sidonistas de Mussolini; Primo de Rivera em Espanha não fêz mais que realizar o sonho de Sidonio Pais. E em Portugal, actualmente, é grande a semelhança entre o estado social-político da quadra sidonista com a situação e regimen estabelecido pelo 28 de Maio. E, todavia, Mussolini, Primo de Rivera, e a Ditadura prosseguem a sua marcha, tranquilamente, a despeito de momentaneas perturbações, ao passo que o sidonismo não vingou, e não resistiu á morte do seu chefe, a despeito de alguns raros abencerragens.

Por haver sido morto Sidonio? Sem duvida que a bala presulcida cortou a carreira do sidonismo, e no mesmo momento em que ele ia dirigir-se no recto caminho, ou pelo menos ia tenta-lo, restabelecendo a ordem e os principios essenciais do regimen, no caos a que o conduziram entusiasmos fáceis da primeira hora e especulações interesseiras de falsos serventuarios. Mas estivesse em outra perfeição a ordem social e nada representaria a morte de um homem, por grande e notavel que ele fosse.

Sidonio Pais teve virtudes civicas, e teve defeitos. Não há 'i tão monstro que não as possua, não ha 'i tão perfeito a quem eles não toquem. Mas não foram as virtudes do Sidonio que ergueram a Republica Nova, como não foram os seus defeitos que a tombaram.

E' que, mais que as vontades, é o pensamento que impera no mundo. E as ideias que a Republica Nova de Sidonio proclamava, as ideias que deviam forma-la, o pensamento que constituia a sua consciencia intima, não estavam suficientemente amadurecidos.

Portugal aceitou com entusiasmo o Cinco de dezembro, porque estava cansado das ideias que até então dominavam; mas á ideologia derrubada pela revolução da Escola, não sucedeu o imperio de outra ideologia. Cairam velhos idolos do pensamento, mas as inteligencias não encontravam outro farol que as dirigisse. Daí as inconstancias, as incongruencias, a desorganização em todos os ramos, que caracterizou a Republica Nova e malogrou a obra de Sidonio, e arastou, este proprio, para a morte.

No concerto da humanidade a lição da pequena casa lusitana não se perdeu: um pensamento novo, profundamente remodelador, agita todas as sociedades: na Espanha, como na Italia, na Austria como na China. E esse pensamento alia á forma externa de Republica, a manutenção de tradições, o rejuvenescimento local e uma Autoridade quasi absoluta, Ditadura de direito e de facto, muito embora busque no sufragio popular, multiformes manifestações da alma colectiva, a legitimidade de governar que só o assentimento do povo pode atribuir.

E' assim que o 28 de Maio, tendo muitos pontos de contacto com a Republica Nova de Sidonio tem igualmente profundas divergencias, diferentissimas modelidades. Sidonio, como o Snr. general Oscar Carmoña foi eleito pelo sufragio popular e directo; mas aquele cercou-se de um parlamento de antigos moldes, este vive com um Governo. A Republica Nova, usando nome de democracia, negava-a, a Situação de 28 de maio, chamando-se Ditadura não desdenha a aura popular, quere ser a interprete do país.

Entre 1918 e 1928 ha profundas diferenças: o pensamento está formado já em moldes bem diversos.

Mas isso não quere diser que não hajamos recordar a figura nobre de Sidonio, o malogrado Presidente: a despeito de defeitos (e quem os não tem?) que podesse ter a sua acção; o que é certo é que ele quis o bem da Patria, quis a felicidade de Portugal, foi o iniciador e precursor de um sistema que a final veio a imperar em todo o mundo civilizado, com diferença de pormenores, talvez, mas fundamentalmente identico ao pensamento — ainda inconsciente do sidonismo.

MÃE

*Nossa Mãe! Que brandura e que ternura
Nesta humilde palavra pequenina,
De uma unção virginal que nos domina,
E de uma glória que nos transfigura!*

*E' tão doce, tão cândida e tão pura
Que nem um rumor de águas, em surdina,
Ou um cântico de ave, quando trina,
Em adejos vibrantes pela altura.*

*Tomemos e acendamos uma vela
Pronunciando — Pai — defronte dela,
Talvez se apague a débil chama ardente.*

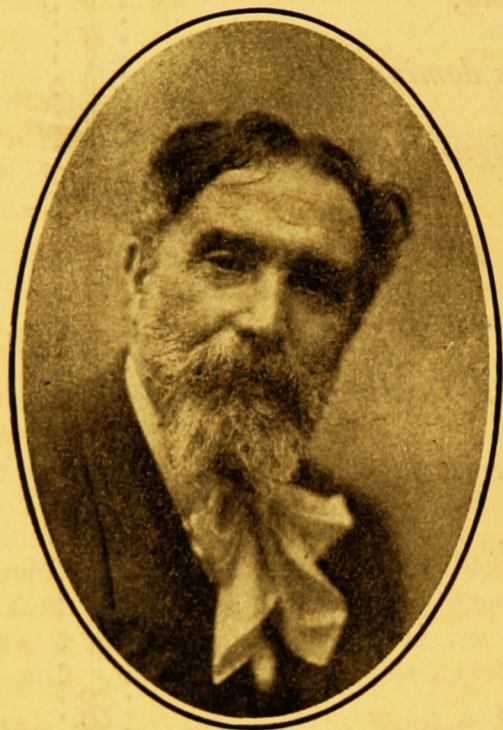
*Mas se dissermos — Mãe — a chama, então,
Estremece de funda comoção
E continua a iluminar a gente.*

Jorge : do : Santo : Graal.



Exposição de Quadros do Pintor Julio Ramos, no salão Silva Porto

Parece pelos começos que vamos ter este inverno uma estação de Arte



O pintor Julio Ramos

muito notavel e de uma grande intensidade.

O salão Silva Porto em menos de um mez já nos deu duas belas exposições, e, segundo me dizem está tomado por tão largo periodo, que até nem ali ha lugar para lá se fazer a Exposição-Consagração ao grande pintor morto Marques de Oliveira, o que é uma pena, pois ali, como em nenhuma outra parte, ella deveria ser feita.

Mas, vamos ao que me interessa neste momento, falar dos trabalhos do pintor portuense Julio Ramos, o eximio pintor dos poentes, cheios de encanto e poesia, da nossa linda terra portugueza.

E é isto o que vou tentar fazer, cumprindo o meu dever de anotador,

para a «Ilustração Católica», das exposições de Arte que se realisam nesta cidade.

* * *

Julio Ramos o pintor que agora expõe no salão Silva Porto, não é um novo, mas tambem não é um velho, é no entretanto um consagrado pela critica justa e sincera entre os pintores portuenses, com escala feita por muitas exposições realisadas no Porto, Lisboa, Brazil, etc.

Nesta exposição apparece-nos, sempre moço de inspiração, e cada vez mais senhor da paleta e dos pinceis, para



Cantinho da Aldeia
Quadro de Julio Ramos

nos dar quadros cheios de côr, de luz e de ambiente.

Apresenta-se desta vez com cinquenta e cinco trabalhos, telas de diferentes dimensões, todas de paisagem e de marinha.

Como seria interessante ir, catalogo em punho, apontando uma a uma, todas as belezas que ele traz á exposição e que comovedoramente tocou de admiravel luz e de adoravel graça.

Não vos admireis que eu lhe encontro graça nas suas paisagens, porque as pinturas de paisagem, se não tiverem uma gracilidade fina e subtil, que as torna transparentes, não agradam á vista... E, as d'ele agradam todas.

* * *

Chamei-lhe acima o pintor dos poentes, e cabe-

lhe perfeitamente bem essa designação, pois nenhum outro toca com tanta verdade e com tanta exactidão e precisão, as cores dos nossos lindos poentes.

Parece que o sol derramou na paleta deste artista os raios luminosos, irisados, rubro-alaranjado, verde-amarelado, violeta, e azuis em que se decompõe atravez das nuvens e no reflexo da atmosfera, ao tombar no ocaso, e que é com esses raios tornados tintas que Julio Ramos pincela as telas magnificas que executa.

A's vezes, olhando os seus quadros de fins de tarde, a minha alma de poeta e de sonhador (porque eu, embora não pareça, sou um sonhador e um mau poeta) enche-se de uma saudosa tristeza, e sinto bater Ave Maria a dentro do meu coração.

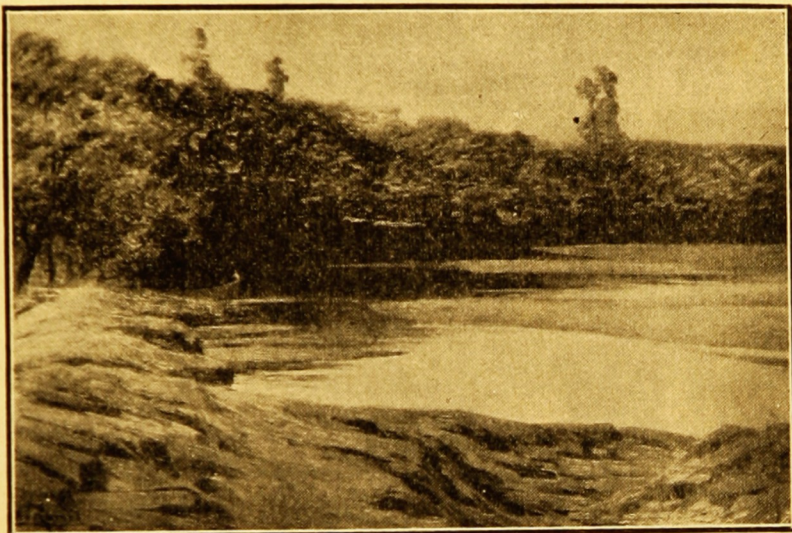
Eu amo a doce quietitude dos fins da tarde da primavera e do outono e vejo nitidamente em muitos dos trabalhos deste pintor, sentindo-a espiritualmente, essa doce quietitude.

* * *

Que bem que me faz, quando por vezes o meu espirito tumultua com coisas turbulentas da minha vida, contemplar, no remanso do meu gabinete de trabalho,

um doce poente de Julio Ramos, que tenho na frente da minha banca, em um quadrosito de pouco mais de um palmo.

E, agora mesmo, que estou escrevendo estas linhas, eu o olho com amisa de e adoração recordando os grandes qua-



Margens do Ave
Quado de Julio Ramos

drós que o artista tinha na exposição do salão Silva Porto. Dois dos quadros de Julio Ramos acompanham o meu despertencioso, mas sincero artigo. Por eles, melhor do que pela minha prosa se confirmará aquilo que eu digo, do valor pintorial do artista. Julio Ramos é um grande trabalhador, incansavel como professor, consciencioso como pintor, não faz da arte um negocio, faz um sacerdocio e, nessas circunstancias temos que prestar a justa veneração do nosso culto ao seu muito valor artistico. Que mais direi eu dele?... Mais nada. Neste periodo da minha vida jornalística, não sou já um critico de Arte, sou apenas um anotador de coisas de Arte e como tal, mais longe não deve ir o meu dizer.

Um abraço ao glorioso artista do

Porto, 8-12-928.

ANTÓNIO DE LEMOS (ALVARO).

TODAS as vezes que as trombetas de fama divulgam o aparecimento de uma nova invenção, é permitido perguntar se a descoberta proclamada não traduz uma idéa já antiga, apenas modificada por certos aperfeiçoamentos.

Cumpra, de facto, reconhecer Salomão, ao afirmar, no *Ecclesiastes*, que

de uma época mais ou menos longínqua, são numerosos.

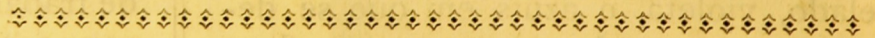
Entre varios casos, poderíamos citar a aplicação da electricidade no cultivo das plantas, o que parece constituir a ultima expressão do modernismo. No entanto, no século XVIII, uma carta assinada por Etienne Demainbray, em



EM LISBOA

O Sr. Presidente da Republica impõe as insignias de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada na bandeira dos Bombeiros Voluntarios de Braga.

Esta Corporação foi agraciada pelo Governo da Republica ao completar os seus 50 anos de existencia, e pelos relevantes serviços prestados à cidade de Braga e concelhos limitrofes, tanto no serviço de incendios, como no de assistencia e beneficencia. : : : : : : : : : : :



«nil novi sub sole», que nada ha de novo sob o sol, formulou uma verdade.

Uma invenção é, por vezes, olvidada através dos séculos, até que surge um dia um homem de genio que supõe, de boa fé, ter descoberto o que, em éras remotas, já era conhecido, em condições menos praticas ou sob uma forma mais rude.

Os exemplos dessas invenções aparentemente novas, que datam, de facto,

Edimburgo, a 10 de Fevereiro de 1747, dizia: «A minha descoberta será, certamente, muito util á sociedade, se fôr oportunamente aplicada. O meu aparelho, destinado a fornecer electricidade, no intuito do desenvolvimento das plantas, é o primeiro no seu género. Fiz concludentes experiencias num pequeno arbusto de mûta, electrisad, que se regava de quatro em quatro dias. Esse arbusto se desenvolveu de um modo

PSEUDONIMOS DE TEATRO

Um processo que teve por objecto um pseudonimo de teatro, foi julgado ultimamente em Paris. Favoravel ao general Récamier, descendente de Madame Récamier, célebre pela sua formosura, que viveu na época do Primeiro Império francês e da Restauração, a sentença foi contrária a Mademoiselle Gina Ageorges, que representava sob o nome de Gina Récamié. Ela havia tido o cuidado de suprimir o *r* final, o que

O pseudónimo, cumpre notar, não tem por origem apenas a eufónia. Procede também do preconceito antigo contra o teatro. Quando uma família se opõe a que um dos seus representantes figure em scena, o artista muda de nome, o que tem a vantagem de contentar a todos.

Vem a propósito lembrarmos os pseudónimos de alguns artistas, liricos e dramáticos, de Paris, escolhidos entre os que mais aplaudidos são, actualmente, na grande capital francesa.

O tenor Alvarez chama-se Gourron; a cantora Lucienne Bréval é Berthe Schilling; o tenor Franz (da Opera) é Edmond Gautier; o contralto Delna tem, como ver-



FAMALICÃO — Campo Mousinho de Albuquerque.

bastava, ao seu vêr, para evitar qualquer equivoco; mas os juizes decidiram que essa leve deformação não indicava menos o intento de possuir um nome illustre.

Pouco antes, Mademoiselle Yahne, outra artista, intentava um processo a uma comediante que adoptára um nome semelhante ao seu, eliminado o *h*. O tribunal condenou a segunda, que, espirituosamente, modificou o seu pseudonimo deste modo: Exiane.

Em França, a grande maioria dos actores e actrizes representam sob um pseudonimo. Cumpre achar um nome que seja curto e eufónico, de modo a se impôr facilmente à atenção do publico.

dadeiro nome, Ledan; M.^{me} Vallandri é Andriveau; a aclamada actriz Bartet, da Comédie-Française, chama-se Régnault; Berthe Cerny, de Choudens; Cécile Sorel, Seurre; o actor Grand é Mac Léod; a actriz Barsange (do Odéon) é Boutoille; o actor Coste (do mesmo teatro) chama-se de Cqueray. O famoso comico Baron tem, verdadeiramente, como nome o de Bouchené; a graciosa Lavallière (Variétés) é Huot; Colombey, Tardiveau; Moricey, Poussin. Ninguem ignora que a celebre actriz Réjane se chama Réju; Marthe Brandès é Brunshwig; Cassive é Duval; Cheirel, Leriche; Dorziat, Sigridt. O actor Dumény chama-se Richomme; o desopilante comico Germain é Poi-

net; o actor comico Lamy (Palais-Royal) é Castarède; Maury, Pitre; Frédal, Leveau; Dorival, Groscoeur.

Quanto aos directores dos teatros parisienses, sabe-se que Porel (Vaudeville) se chama Parfouru; Samuel (Variétés), Louveau; Abel Deval (Athénée), Boularan; Fontanes (Châtelet), Frigot.

A lista seria longa... e fastidiosa. Como se pode observar nessa enumeração, alguns artistas, adoptando um pseudonymo, tiveram principalmente em mira tornar mais eufónico o nome pelo qual seriam conhecidos.

PENSAMENTOS

Acreditemos com inabalavel certeza, que tornaremos a encontrar no Céu os nossos queridos mortos e que as alegrias duma união eterna serão a recompensa da nossa Fé e o premio da nossa esperança.

Abbé Perreyve.

* * *

Com que alegria prevemos o dia em que ás trévas da nossa existencia succederão os verdadeiros esplendores da gloria, e que emfim, nos juntaremos aos que nos são queridos numa terna e doce união, no seio do nosso Divino Mestre!

Abbé Perreyve.

* * *

As flores que desabrocham da amizade cristã, exalam um tão suave e penetrante arôma, que só ele basta muitas vezes para embalsamar a vida inteira.

M.^{me} Smetchine.

* * *

A verdadeira amizade aumenta as nossas alegrias e suavisa as nossas dôres — partilhando-as.

Abbé Perreyve.

Flores do Céu

(LENDA RELIGIOSA)

I

Diocleciano acabava de entregar o imperio a Galerio, e retirára-se para Salona, acompanhando-o, n'aquelle filosofico retiro, negros cuidados e pungentes remorsos. Havia sido publicado um novo edicto contra os cristãos e os governadores das provincias rivalisavam com os magistrados da propria Roma no empenho de aniquilar o cristianismo, afogando em sangue a doutrina predestinada a conquistar o mundo.

Presidia em Cesaréa, na Capadocia, o prefeito Saprício, cercado d'aquella magestade de que Roma sabia revestir os seus delegados. Ao pé do tribunal estavam sentados os escrivães; ás portas vigiavam os lictores; no recinto do pretorio erguia-se uma estatua de Jupiter, diante da qual, preparada para receber incenso, estava uma trípode de bronze cheia de brazas. Perto do idolo viam-se tres homens robustos com instrumentos de fórma extravagante e sinistra; um d'elles tinha na mão tenazes de ferro. Eram aqueles os verdadeiros sacerdotes de Jupiter, aqueles que procuravam cada dia ofertar-lhes em holocausto almas e consciencias. Varios cristãos acabavam de ser sujeitos ás provas, e tinham confessado a fé. Uns, ensanguentados, estavam presos ás colunas da sala; outros pendiam, suspensos, pelos braços, do tecto de uma galeria; outros, finalmente, cobertos de feridas, mas com risos semelhante, esperavam que os lictores os conduzissem ao supplicio.

A curiosidade publica, que, excitada por semelhantes scenas, parecia começar a cançar-se, exaltou-se de novo com o aparecimento de uma mulher vestida de branco e coberta com um véo, que os soldados conduziam perante o juiz. Não se lhe via o rosto, mas devia de ser moça e formosa, porque a sua figura era elegante e proporcionada como a de Diana caçadora, e debaixo do véo descobriam-se-lhe magnificas tranças de negros e asedados cabelos.

— Como te chamas, donzela? disse Saprício.

— Chamo-me Dorothea, respondeu ella com voz segura.

— Sabes por que te mandei comparecer aqui? Conheces o edicto dos augustos imperadores?

— Conheço; mas o meu Deus, que é tambem augusto, não me permite obedecer-lhe.

— Reflecte: um pouco de incenso ao pae dos deuses ou os tormentos! A sujeição a Cesar ou uma affrontosa morte!

— O verdadeiro Deus, o Senhor do céu e da terra, exige também a minha obediência: e a quem é mais justo obedecer: ao creador ou á creatura?

— Deixa essas loucuras, donzela; sacrificas, ou treme; servirás de exemplo aos outros refractarios!

Eu não tremo diante dos homens; não receio as tenazes nem os potros: receio só as penas eternas e o fogo que se não apaga nunca.

Durante este breve dialogo, conservára a virgem um aspecto sereno, e a voz meliflua, ainda quando se exaltára, resuava como os sons de uma lyra, cuja melodia é o enlevo do coração. Os cristão, seus irmãos, alentavam-na com os olhos mortifcos; os pa-

e celebrae os seus louvores e a sua glória eternamente.»

E tão absorta estava, que não sentiu abrir-se a porta; mas o seu nome, preferido de manso, a arrancou ao seu tão suave extasis. Diante d'ela estavam duas raparigas, de peregrina formosura, vestidas garbada e esplendidamente. A mais velha tinha os cabelos negros entrançados com fios de pérolas; a outra, soberbo e correcto perfil, cobria-a um alvissimo véo bordado de ouro.

— Dorothea disseram elas, conhece-nos?

A virgem mirou-as atenta, e o seu semblante meigo tomou um aspecto triste e severo, e respondeu:

— Em outro tempo conhecia-vos; ereis Christés e Calista; amava-vos então como minhas irmãs em Jesus Chisto... agora não vos conheço, porque renegastes o nosso Deus!

— E' verdade, tornou Christés oferecemos alguns grãos de incenso aos idolos, porque somos frageis mulheres, e não podemos resistir á violencia dos tormentos...

— Olha, acudiu Callista, queriam-nos dilacerar as carnes com cordas de ferro, e queimar as costas com archotes!... Oh! tivemos medo... e tu propria, Dorothea, debil e



Grupo de Jornalistas de Braga, no seu passeio à Povia de Varzim, em Setembro de 1926.

gãos contemplavam-na surpresos, e o proprio Saprício, movido de desusada compaixão, disse aos lictores:

— Conduzam esta donzela á prisão; quero dar-lhe tempo para reflectir; a idéa do que aqui viu ha de tornal-a mais prudente!

II

Estava Dorothea sósinha no carcere, d'onde tantos cristãos tinham saído para o suplicio e para o ceo; de joelhos, cantava com voz comovida o cantico dos tres meninos hebreus na fornalha de Babylonia, o qual começa assim:

«Creaturas que sois as obras do Senhor, bendizei todas aquele que vos creou,

educada esmeradamente como és, não poderás afrontar semelhantes suplicios!

Eu nada posso só por mim, respondeu a virgem; mas posso tudo por aquele que fortifica o meu coração. E vós que cedestes ao terror, que os romanos converteram em um deus, sois porventura felizes!

— Gozámos as delicias da vida; o proconsul remunerou magnificientemente a nossa obediencia, e prepara-nos ambas auspicioso consorcio. Dorothea, a mesma ventura te espera, se quizeres condescender: serás saciada de riquezas, e tornar-te-has a esposa ditosa d'aquelle que o teu coração houver escolhido

— O retórico Theofilo, cuja eloquencia é geralmente admirada, Dorothea, ama

te, e aspira a posse da tua mão, acrescentou Cristés. Cede aos seus desejos, e não afastes de ti a agradável taça da vida: consente em sacrificar, e poderás em segredo, como nós fazemos, e seguir os seus sublimes preceitos.

O' infelizes mulheres que o demónio perdeu! exclamou Dorothea: mandaram-vos aqui para me seduzirdes? Mas Jesus Cristo, que escolhi para meu esposo, defenderá a minha fé. Dizei áqueles que vos enviaram, a Saprício e a Teofilo, que prefiro a morte ao aprobrio, e que nenhuma esperança da terra, nem as riquezas, nem as promessas do hymeneu, me farão renunciar ao amor do meu Senhor Jesus.

Proferiu estas palavras com tão inspirada energia e tão profunda convicção, que as duas donzelas pagãs ficaram perturbadas e involuntariamente baixaram os olhos. Dorothea continuou:

— O' minhas irmãs d'outr'ora, vós, a quem o Cordeiro imaculado convidára ás suas bodas esquecestes porventura as promessas do baptismo e os laços que vos prendiam a Jesus Cristo? Que vos fez o divino Salvador para assim o abandonardes? Não sabeis que ele vos havia de sustentar com a sua graça no meio dos tormentos, e que, depois do combate, imarcessível gloria vos estava reservada? Pois consentistes que outras vos roubassem a coroa que vos pertencia?

— Ah! exclamou Cristés, suspirando, pois o nosso Deus, é tão misericordioso, não será indulgente com a nossa fregilidade?

— E' misericordioso, sim; mas, e vós bem o sabeis, como ha de haver o perdão sem o arrependimento?

— Pensas tu, exclamou Calista, que no maior dos festins e dos saráos não nos tem perturbado a imagem do teu Deus, do nosso Deus?

— E o nosso Deus que vos procura, disse Dorothea: oh! escutai a voz do pastor, e vinde mostrar-me como se deve morrer!

As duas irmãs desataram a chorar, e a graça victoriosa influiu sem duvida sobre as suas almas; porque, quando os lictores vieram buscar Dorothea para a conduzirem ao tribunal, elas seguiram-na com passo firme, envolveram-se nos seus véos, e prepararam-se com o signal da cruz; Cristés, porém, vendo um velho mendigo á porta da prisão, desprende os fios de perolas do cabelo, deu-lh'os e disse-lhe:

— Meu irmão, rogai por nós, que vamos morrer.

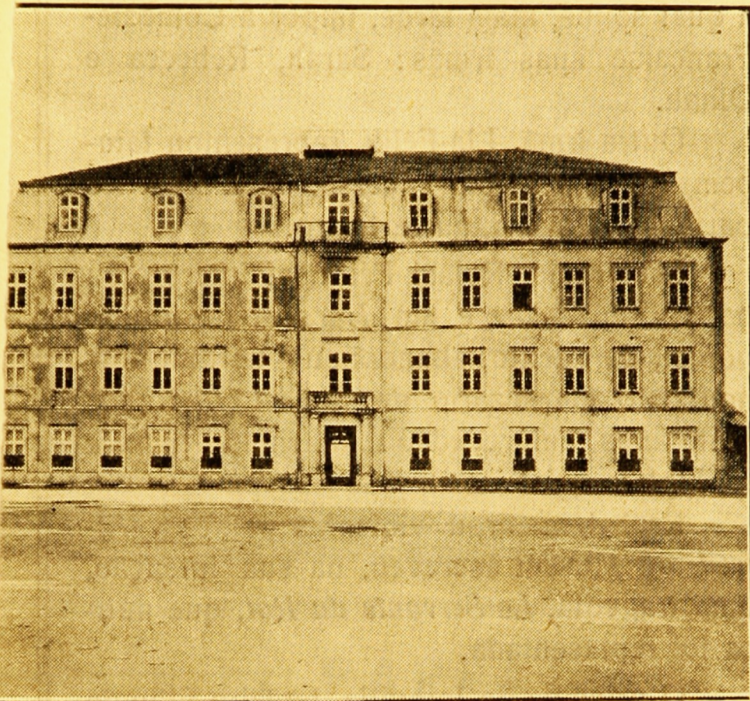
III

Imenso povo atulhava o pretorio, quan-

RACHEL

Elise Félix, filha dum israelita, mascate, nasceu num misero albergue de Münf, aldeia suissa do departamento da Argovia.

O proprietario actual dessa casa, que tem o nome de *Hôtel du Soleil d'Or*, con-



AGA — Liceu Sá de Miranda — Fachada interior (Antigo Colegio do Espirito Santo)

serva ainda os moveis que guarneciam o quarto n.º 13, onde viu a luz aquella que devia ser a famosa Rachel, a mais aplaudida dentre as modernas actrizes tragicas.

E o quarto de Rachel é visitado pelos viajantes que a Münf expressamente se dirigem para vêr o albergue, onde uma placa comemorativa indica que ali nasceu a mais aclamada das artistas de todos os tempos.

Em Janeiro de 1837, estreava no *Gymnase*, com o ordenado de tres mil francos para o primeiro ano, quatro para o segundo, cinco para o terceiro e seis para o quarto.

Contava então dezesseis anos. Tendo-se convencido de que ao talento da joven estreante não convinha a comedia, o director do *Gymnase* rescindiu o contracto. E isso decidiu do futuro de Rachel, a qual, depois de receber lições de Samson, estreou, aos dezessete anos e meio, na *Comédie-Française*, no papel de Camille, de *Horace*.

Jules Janin, o critico temido, escreveu um elogioso artigo a respeito da nova pen-

— O verdadeiro Deus, o Senhor do céu e da terra, exige também a minha obediência: e a quem é mais justo obedecer: ao creador ou á creatura?

— Deixa essas loucuras, donzela; sacrifica, ou treme; servirás de exemplo aos outros refractarios!

Eu não tremo diante dos homens; não receio as tenazes nem os potros: receio só as penas eternas e o fogo que se não apaga nunca.

Durante este breve dialogo, conservára a virgem um aspecto sereno, e a voz meliflua, ainda quando se exaltára, resuava como os sons de uma lyra, cuja melodia é o enlevo do coração. Os cristão, seus irmãos, alentavam-na com os olhos mortiços; os pa-



Grupo de Jornalistas de Braga, no seu passeio à P em Setembro de 1926.

gãos contemplavam-na surpresos, e o proprio Sapricio, movido de desusada compaixão, disse aos lictores:

— Conduzam esta donzela á prisão; quero dar-lhe tempo para refletir; a idéa do que aqui viu ha de tornal-a mais prudente!

II

Estava Dorothea sósinha no carcere, d'onde tantos cristãos tinham saído para o suplicio e para o ceo; de joelhos, cantava com voz comovida o cantico dos tres meninos hebreus na fornalha de Babylonia, o qual começa assim:

«Creaturas que sois as obras do Senhor, bendizei todas aquele que vos creou,

ARLEQUIM

E' a palavra *Arlequim*, como geralmente se supõe, de origem italiana? Se o vocabulo não é italiano, não o é, ao menos, a idéa que ele representa? Qual a evolução que esse termo tem sofrido?

A opinião ordinariamente aceite é que *Arlequim* significa um personagem mascarado da comedia italiana; mas, entre os varios filologos que se têm occupado dessa etimologia, o acôrdo não é completo.

O professor Tobler e Gaston Paris exprimiram duvidas relativamente á proclamada origem; e quanto a Diez, cujo conceito nunca poderia ser menosprezado, observa que a expressão parece vir do francez antigo. E' esse também o juizo de Driesen, que, em 1904, num livro em que trata exclusivamente desse assunto, julga que *Arlequim* é uma palavra franceza, como tem identica procedencia, ao seu ver, a idéa que ela simbolisa.

Esse nome não poderia ser italiano, porquanto se demonstra que a antiga forma *Harlequin* tinha um *h* aspirado. Vejamos se a figura é italiana.

Riccoboni, na sua *Histoire du Théâtre Italien*, publicada em Paris em 1730, sustenta que o proprio vestuario de *Arlequim* é identico ás roupas dos mimicos latinos, que a mascara recorda a dos mimicos, *fulgine faciem obducti*; o calçado e a cabeça raspada não divergiam dos habitos dos mimicos; *planis pedibus, rasis capitibus*.

Schack aceita essa conclusão e nota a grande semelhança de *Arlequim* com o *centunculus* romano, do mesmo modo que Polichinello se deriva de Maccus, como personagem.

Outros fazem remontar a origem desse mascarado a uma lenda antiga: a de Herodiada que, tendo obtido, como recompensa da sua dança, a cabeça de João Batista, fôra condenada a bailar eternamente. As transformações pelas quais se passa da lenda de Herodiada á ronda infernal da *militia Harlequini* e do Alchino dantesco, através dos seculos, pôde ser explicada; mas, entre o Alchino, a que Dante se refere, e o *Arlequim* da comedia não ha relação alguma.

Recentemente, Raynaud ocupou-se largamente do assunto. Segundo esse critico, *Harlequim* desaparecia de França no século XIV e se tornava conhecido na Italia. Dante introduziu-o no seu *inferno*; e, em consequencia disso, nas representações sacras, até ao século XVIII, Arlequim se apresentava com duas pequenas saliencias corneas, que recordavam a sua origem diabolica. E Raynaud conclue que o Arlequim da comedia italiana é, simplesmente, o diabo *Alichino*, transportado para a scena. Parece-lhe que, ao lado das representações sacras, foi surgindo, pouco a pouco, um genero de farça, em que a figura demoniaca se transmutou na de Arlequim, o qual perdeu o primitivo caracter diabolico.

Driesen nega essas conclusões. Arlequim, na sua opinião, não procede dessa lenda medieval, essencialmente franceza. *Harlequim* era um *espírito do ar*, que a crença popular tornou um diabo comico.

O *Alichino* de Dante é, no juízo do citado critico, o *Allequinos*, nome de um demonio.

Na Italia, nos séculos XIV e XVII, Arlequim não appareceu nas representações populares; mas uma companhia de actores ambulantes que, no fim do século XVI, visitou Paris, daí trouxe esse nome, aplicado a um personagem das suas comedias. Cita-se, por exemplo, o comediante Ganassa, que nas suas pantominas, fazia entrar Arlequim; e ele chegava de França. E isso faz crer que Arlequim nasceu, não em Bergamo, como se crê ordinariamente, porém em Paris.

Todo o artista deve comprehender a soma das idéas do seu tempo.

Victor Hugo.

*

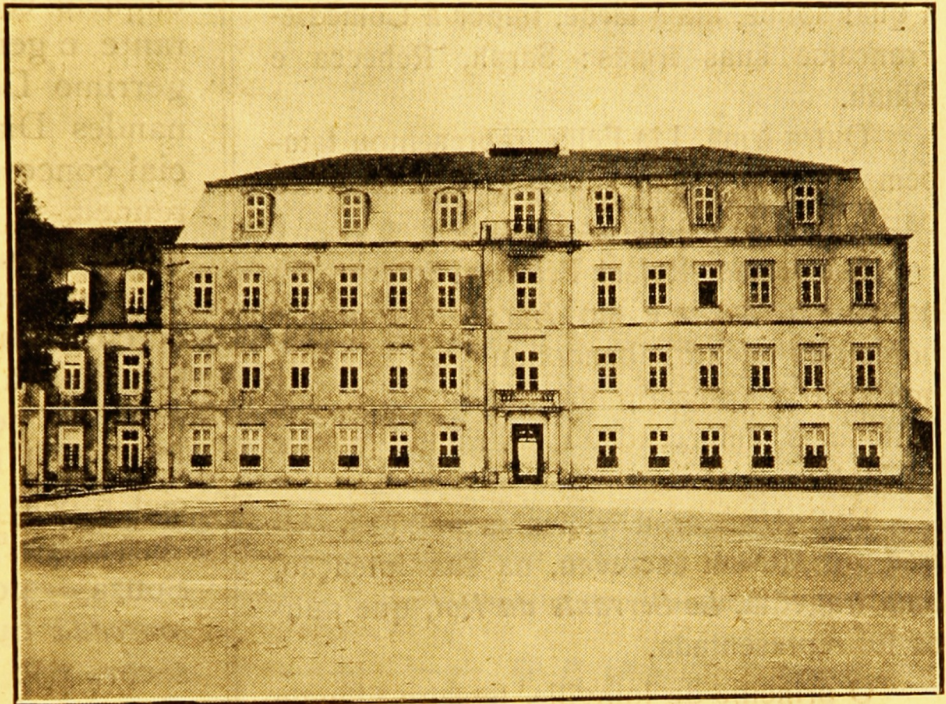
Não há absurdo que não tenha sido sustentado por algum filosofo.

Cicero.

RACHEL

Elise Félix, filha dum israelita, mascate, nasceu num misero albergue de Münf, aldeia suissa do departamento da Argovia.

O proprietario actual dessa casa, que tem o nome de *Hôtel du Soleil d'Or*, con-



BRAGA — Liceu Sá de Miranda — Fachada interior (Antigo Colegio do Espirito Santo)

serva ainda os moveis que guarneciam o quarto n.º 13, onde viu a luz aquella que devia ser a famosa Rachel, a mais aplaudida dentre as modernas actrizes tragicas.

E o quarto de Rachel é visitado pelos viajantes que a Münf expressamente se dirigem para vêr o albergue, onde uma placa comemorativa indica que ali nasceu a mais aclamada das artistas de todos os tempos.

Em Janeiro de 1837, estreava no *Gymnase*, com o ordenado de tres mil francos para o primeiro ano, quatro para o segundo, cinco para o terceiro e seis para o quarto.

Contava então dezesseis anos. Tendo-se convencido de que ao talento da joven estreante não convinha a comedia, o director do *Gymnase* rescindiu o contracto. E isso decidiu do futuro de Rachel, a qual, depois de receber lições de Samson, estreou, aos dezessete anos e meio, na *Comédie-Française*, no papel de Camille, de *Horace*.

Jules Janin, o critico temido, escreveu um elogioso artigo a respeito da nova pen-

sionnaire, que, em *Cinna* e em *Andromaque*, obteve novos triunfos, a despeito do seu físico, destituído de encanto.

Rachel fôra contratada por quatro mil francos anuais; ao cabo, porém, de poucos mezes, o pai, que assinava os contractos, por ser ela menor, exigia quarenta mil. Foram-lhe concedidos vinte, tão grande desejo tinha o administrador de reter a nova actriz, a qual soube, mais tarde, impôr á Comédie-Française suas irmãs: Sarah, Rebecca e Dinah.

Outra irmã, Lia Félix, representou também em Paris com sucesso, mas não fez parte do elenco daquele teatro.

Seu irmão, Rafael Félix, aí interpretou papeis em *Phèdre* e em *Horace*; destituído porém, de talento, abandonou a scena e tornou-se o empregario de Rachel, que, aos vinte anos, empreendeu uma triunfal *tournee* na Inglaterra.

Rachel inspirou violentas paixões. Alfred de Musset escreveu, na sua intenção, uma tragedia, *La Servante du Roi*, que nunca foi representada.

O principe de Joinville, terceiro filho de Luiz Filipe, também loucamente a amou.

Depois de várias e victoriosas *tournees*, Rachel, em 1855, adoeceu gravemente na Philadelfia. Foi pedir ao sol do Egypto o seu restabelecimento, aliás illusorio. Em Cannes, numa *vila* que pertencia á familia Sardou, expirava a 3 de Janeiro de 1858.

Não tinha ainda completado 37 anos a mais inspirada interprete da tragedia franceza.

COMOVENTE!

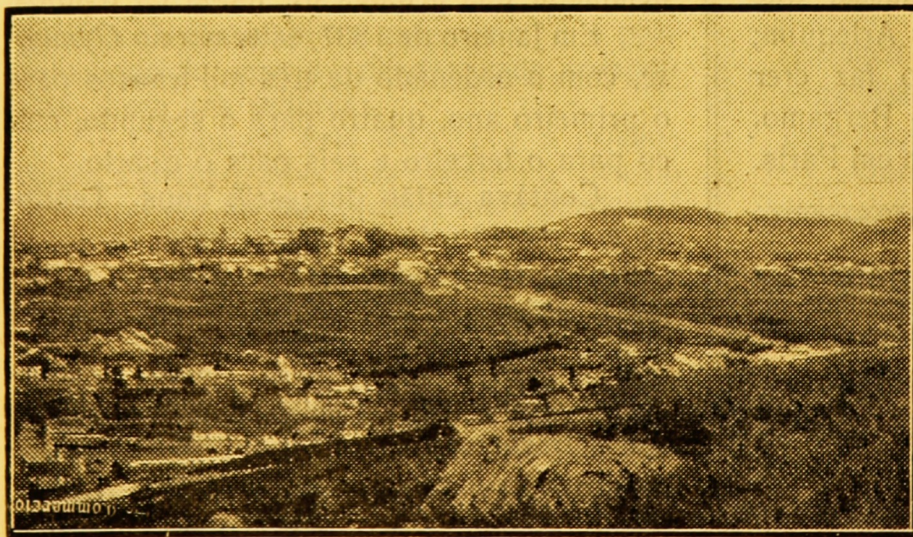
Quando as senhoras que fazem parte da Comissão de Assistencia aos presos vão á cadeia visital-os por especial concessão do dedicadissimo director daquele estabelecimento e com penhorante e generosa auctorisação do integerrimo Delegado, Ex.^{mo} Sr. Dr. Fernandes Dias, — os presos têm a especial concessão de sair das suas celas e reúnem-se na sala da aula ou no atrio do edificio.

Na vespera do Natal, por ocasião da costumada visita que esta caridosa e benemerita Comissão lhes fez, acompanhada pelo seu respeitavel Director Espiritual Rev.^{mo} Sr. P.^e Roberto Maciel e pelo desvelado paroco de S. Vicente Rev.^{mo} Sr. Conego Dr. Novais e Souza — pouco antes da distribuição da *consoada* que consistia em aletria, figos secos, pão e vinho oferecida pelas senhoras, — de roupas oferecidas pelo zeloso paroco de S. Vicente e de cigarros, pelo Rev.^{mo} Sr. Arcipreste e Director Espiritual da Comissão, — as senhoras dirigiam aos presos particularmente algumas palavras de conforto.

Uma dessas senhoras, conversando com um grupo de tres ou quatro reclusos, manifestava-lhes o prazer por não ser possivel á Comissão, por falta de meios, socorre-los tanto quanto era desejo seu, principalmente nesta época invernosa em que eles tanto sentem ali o frio; — ao que, um deles, como-vindo e grato respondeu:

— E' tão grande a consolação que sentimos com a vinda das senhoras á Cadeia que, apesar de sermos todos mais ou menos necessitados, ainda que nada nos dessem, ficavamos já muito satisfeitos só com a visita que têm a caridade de nos fazer.

— Então eu, mais que



BRAGA — Vista geral

outro qualquer, acrescentou outro — aspecto de doente, pobremente vestido e até analfabeto — explicando muito singela e naturalmente: «Já não tenho mãe... não tenho família que me visite e se interesse por mim... por isso quando vejo entrar as senhoras parece-me vêm em lugar da minha mãe... e fico todo consolado!

Como é natural, a senhora a quem tão espontaneas e significativas palavras eram dirigidas com a mais entenedora naturalidade, comoveu-se até ás lagrimas que procurou enxugar disfarçadamente... notando então que ao seu lado, também furtivamente, um dos presos limpava os olhos...

Profundamente significativo na sua espontanea simplicidade!

Como nos prova que aqueles infelizes têm ainda *coração* e que no seu tanto, *sabem sentir* — ensinando-nos este facto uma vez mais que para os regenerar e moralisar — além da austera e rigorosa disciplina indispensavel nestes estabelecimentos e que



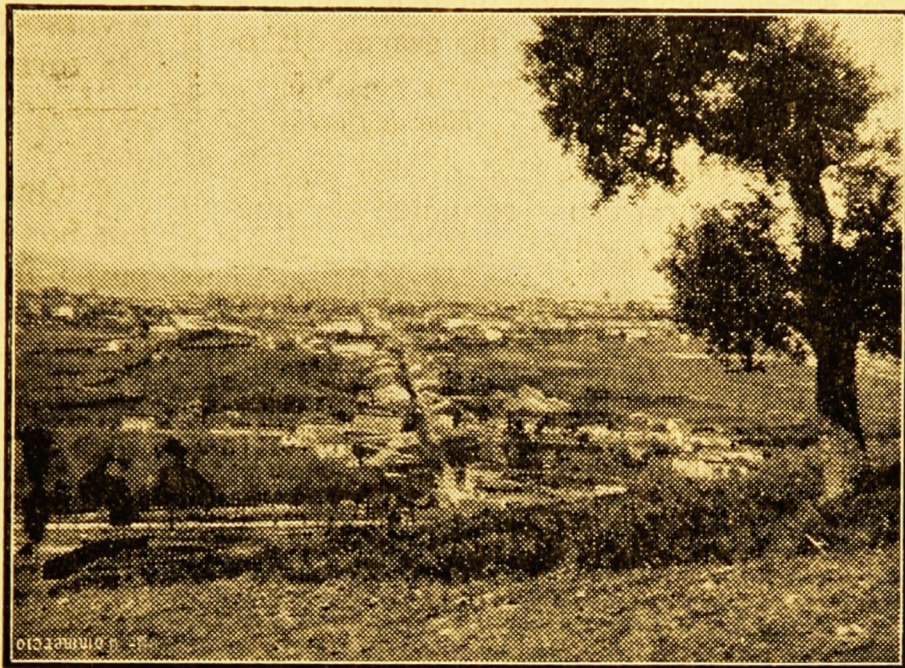
POVOA DE VARZIM — Avenida dos Banhos

na Cadeia de Braga tanto se evidencia, — não menos indispensavel lhes é a doçura e amparo da caridade cristã, infundindo-lhes na alma a Fé ardente e a pratica da nossa Santa Religião — que só Ela nos transforma e santifica — sua-

visando-nos os sofrimentos na terra com a firme esperança da eterna bemaventurança no Ceu.

Braga, Dezembro de 1928.

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES



BRAGA — Outro aspecto da vista geral

PAPEL

Escreviam os antigos a principio em folhas de palmeira; depois, na parte das arvores chamada *liber*, donde se deriva a palavra livro; fabricaram depois umas chapas sobre as quais passavam uma camada de cera, e escreviam por cima com uma pena de ferro, ou com um ponção, bicudo dum lado e chato do outro, para apagar as letras quando se quizesse.

Fizeram-se com o andar dos tempos folhas proprias para escrever, com as feveras dum junco, ou cana, das lagôas do Egipto, chamado *papyro*, de onde vem o nome papel.

Da entrecasca dessa planta, muito abundante nas margens do rio Nilo, se aproveitavam tambem os antigos para vestiduras, cordas, ect.

Não houve outro papel na França e na Alemanha, no V e no VI século; a invasão do oriente pelos arabes, obri-

gou, nos dois séculos imediatos, os povos do norte da Europa a servirem-se de pergaminho. Foi só no século XI que se principion a fazer papel de algodão, uso que se tornou geral em toda a Europa no século XIII. Estabeleceram-se as primeiras fabricas de papel, em França, no ano de 1340, no reinado de Filipe de Valois. A 1.^a folha de papel data de 1319.

ANECDOTAS HISTORICAS

Pensamentos

Qual é a definição do dever? E' o que é desagradável.

Mme de Bovet.

*

A História é um romance de que o povo é o auctor.

Alf. de Vigny.

*

Deus deixa na natureza o bem e o mal, guardando para si o segredo da lucta perpetua entre esses dois elementos.

Balzac.

*

Em política, há serviços que só podemos pedir aos nossos adversários.

Alfredo Capus.

*

Entre diplomatas, cumpre desconfiar daquele que pensa o que diz.

Disraeli.

*

O sentimento mais violento de que o mundo nos oferece o exemplo, é o odio de uma mulher a outra mulher.

O. Feuillet.

*

Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és.

Brillat-Savarin.

*

E' no governo republicano que se tem necessidade da omnipotencia da educação.

Montesquieu.

*

O merecimento de uma nação não é mais do que o mérito dos individuos que a compõem.

Stuart Mill.

*

Não é a riqueza que corrompe os homens, porém a sua pesquisa.

Bonalt.

A teimosia é uma fraqueza absurda. Quando tendes razão, ela diminui o vosso triunfo; quando estais em erro, ela torna vergonhosa a vossa derrota.

Sterne.

*

Quando exercemos uma vingança, nós nos igualamos ao nosso inimigo, ao passo que muito superiores a ele nos tornamos, se lhe concedemos o seu perdão.

Bacon.

*

A verdade se detem na intelligencia: a beleza penetra no coração.

Lacordaire.

*

A idéa do direito é uma idéa universal, gravada em caracteres inapagaveis, senão no mundo visivel, pelo menos no do pensamento e da alma.

V. Cousin.

*

Deslustra-se a justiça, quando a ela não se juntam a brandura e a concendencia

Fénelon.

*

A felicidade não é dada por nós mesmos; constitui uma troca. A nossa ventura provem sempre de outrem.

Condessa Diana.

*

A boa politica não se distingue da boa moral.

Mably.

*

O coração tem razões que a própria razão não conhece.

Pascal.

*

Todas as vezes que vejo um pobre reconhecido, digo a mim mesmo que ele seria generoso, se fosse rico.

Swift.

*

A inveja é a irmã gemea do odio.

Charron.